



## A FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS: CONTORNOS E PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS

The Philosophy of Symbolic Forms: Outlines and Epistemological Perspectives

ALEX ANDER DE SOUZA ORENGO \*  
SYLVIO FAUSTO GIL FILHO \*\*

La Filosofía de las Formas Simbólicas: Esquemas y Perspectivas Epistemológicas

**Resumo:** Ernst Cassirer ao procurar ampliar a crítica da razão kantiana, estabeleceu uma crítica da cultura. Ao questionar as condições da objetivação, vislumbrou a ciência como uma das formas de acesso e captação da realidade. Mais que isso, vislumbrou-a como uma das formas de representação do real, juntamente com o mito, com a religião, com as artes e com a linguagem. Desenvolvimento que encontramos em sua obra capital *A Filosofia das Formas Simbólicas*. Neste trabalho procuramos apresentar o caminho percorrido pelo filósofo, bem como algumas de suas influências. Abordando os contornos desta Filosofia e a caracterização de cada uma das Formas Simbólicas, explorando a sua ação na constituição simbólica, na sua constituição cultural, do mundo em que vivemos. Nesta linha, nos propomos a explorar em Cassirer rapidamente, a arqueologia epistemológica sobre a qual ele se apoia, onde o espaço apresenta destaque. A partir deste ponto, nos direcionamos para o entendimento da visão cassireriana de espaço, suas implicações e suas dinâmicas, para então podermos discutir finalmente, o binômio Espaço de Ação e Espacialidades. Nesta perspectiva, nos parece haver a partir das Formas Simbólicas novas possibilidades epistemológicas.

**Palavras-chave:** Formas Simbólicas; Cassirer; Espaço; Espacialidades.

**Abstract:** Ernst Cassirer, when seeking to expand the critique of Kantian reason, established a critique of culture. By questioning the conditions of objectification, he envisioned science as one of the ways of accessing and capturing reality. More than that, he envisioned it as one of the forms of representation of reality, along with myth, religion, arts and language. A development that we find in his capital work *The Philosophy of Symbolic Forms*. In this work we try to present the path taken by the philosopher, as well as some of his influences. Approaching the contours of this Philosophy and the characterization of each of the Symbolic Forms, exploring its action in the symbolic constitution, in its cultural constitution, of the world in which we live. In this line, we propose to quickly explore Cassirer's epistemological archeology on which he relies, where space is highlighted. From this point on, we move on to understanding the Cassirerian view of space, its implications and dynamics, so that we can finally discuss the binomial Space of Action and Spatialities. From this perspective, it seems to us that there are new epistemological possibilities based on Symbolic Forms.

**Keywords:** Symbolic Forms; Cassirer; Space; Spatialities.

**Resumen:** Ernst Cassirer, al buscar ampliar la crítica de la razón kantiana, instauró una crítica de la cultura. Al cuestionar las condiciones de objetivación, imaginó la ciencia como una de las formas de acceder y captar la realidad. Más que eso, lo imaginó como una de las formas de representación de la realidad, junto con el mito, la religión, las artes y el lenguaje. Un desarrollo que encontramos en su obra capital *La filosofía de las formas simbólicas*. En este trabajo tratamos de presentar el camino recorrido por el filósofo, así como algunas de sus influencias. Abordar los contornos de esta Filosofía y la caracterización de cada una de las Formas Simbólicas, explorando su acción en la constitución simbólica, en su constitución cultural, del mundo en que vivimos. En esta línea, proponemos explorar rápidamente la arqueología epistemológica de Cassirer en la que se apoya, donde se destaca el espacio. A partir de aquí, avanzamos hacia la comprensión de la visión casiriana del espacio, sus implicaciones y dinámicas, para finalmente discutir el binomio *Espacio de Acción y Espacialidades*. Desde esta perspectiva, nos parece que existen nuevas posibilidades epistemológicas basadas en las Formas Simbólicas.

**Palabras-Clave:** Formas Simbólicas; Cassirer; Espacio; Espacialidades.

\* Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: alex.orengo@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5584-9675>

\*\* Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: faustogilfilho@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1606-9988>



## Introdução – Sobre Ernst Cassirer

Ao nos referirmos à Filosofia das Formas Simbólicas, tratamos da grande obra homônima do filósofo Ernst Cassirer e de alguns escritos correlatos, bem como das contribuições trazidas por ele, particularmente aos campos da Filosofia e da Epistemologia, e, ao arcabouço científico de forma geral.

Ernst Cassirer nasceu em 28 de julho de 1874, na atual cidade polonesa de Wroclaw, antiga cidade alemã de Breslau. Seu pai, Eduard Cassirer, era um comerciante muito bem estabelecido, o que possibilitou que Cassirer nascesse em uma rica e cosmopolita família judia da época (Friedman, 2022; Jensen, 2022). Ainda muito jovem, vai morar em Berlim, onde em 1892 ingressou na Universidade local. Lá iniciou estudando direito, não seguindo o curso, devido ao seu interesse por literatura e filosofia. Também passou pelas universidades de Leipzig, Heidelberg e Munique, tendo estudado línguas, ciências biológicas e história (Friedman, 2022; Jensen, 2022; Zen, 2011). Em 1894, ainda em Berlim, matriculou-se em um curso sobre Kant, com Georg Simmel, que lhe recomendou os textos de Hermann Cohen, fundador da escola neokantista de Marburg. Cassirer ficou extremamente envolvido pelos escritos de Cohen, e em 1896 se transfere para Marburg para estudar com ele, concluindo seu doutorado em 1899 (Friedman, 2022; Jensen, 2022).

Em 1902, Cassirer se casou com Toni Blöndi, sua prima, com quem ficou até o fim da vida. Em 1903, retornou para Berlim, mas só foi tornar-se docente instrutor – *Privatdozent* – em 1906, por intervenção de Wilhelm Dilthey, cargo que ocupou até 1919. Neste ano, Cassirer é então convidado para ocupar uma cadeira na Universidade de Hamburgo. É neste período que tem contato com Erwin Panofsky e com a Biblioteca de Ciências Culturais de Warburg, que acabou se tornando um grande recurso ao desenvolvimento das suas ideias (Zen, 2011; Friedman, 2022; Jensen, 2022), pois Aby Warburg, fundador da biblioteca, era um historiador de arte interessado nos cultos antigos, rituais e magia (Friedman, 2022).

Como assinala Jensen (2022), imediatamente Cassirer ficou absorvido por toda uma gama de informações antropológicas e culturais contidas na Biblioteca.

(...) Cassirer encontrou nela um verdadeiro tesouro para o desenvolvimento de sua teoria do símbolo. Os mais de sessenta mil livros expostos nas estantes da biblioteca estavam ordenados de acordo com as temáticas do mito, da linguagem e da arte. Quer isso dizer que, em parte, a disposição física das obras era uma fabulosa extensão empírica da estrutura interna que Cassirer tinha ambicionado para os três volumes da “Filosofia das Formas Simbólicas” (Braga, 2019, p. 22).

No período de 1929 a 1930, Cassirer ocupou o cargo de reitor da Universidade de Hamburgo e em 1933 migra para a Inglaterra devido à escalada nazista, passando a dar aulas em Oxford por dois anos (1933-1935). Depois se transfere para a Universidade de Göteborg, na Suécia, onde fica por seis anos (1935-1941) (Friedman, 2022; Zen, 2011). Finalmente, em 1941, Cassirer migra para os Estados Unidos, vindo a lecionar na Universidade de Yale de 1941 a 1944 e posteriormente na Universidade de Columbia (1944-1945), como professor visitante (Mora, 2005). Falece em 1945, deixando uma obra contundente e influente, que transcendeu o campo da filosofia (Friedman, 2022; Jensen, 2022).

## Prolegômenos à Filosofia das Formas Simbólicas

De uma forma muito simples, poderíamos dizer que a Filosofia das Formas Simbólicas se caracteriza por ser um alargamento das ponderações da Filosofia Transcendental kantiana, estendendo-a do âmbito da física ao campo da cultura; levando conseqüentemente, a ser concebida como uma filosofia da cultura (Porta, 2021). Em certa medida, esta perspectiva levou Cassirer a ser identificado como neokantiano; e até determinado momento isso é verdade, em função do início de seus estudos com Simmel e posteriormente com Cohen e Natorp, na escola de Marburg. Essa visão, no todo, todavia, não é equivocada, mas pode ser mais bem explorada; pois Cassirer se afasta do neokantismo muito em função de concepções de objetivação, ou seja, por questões epistemológicas. Apesar, pois, de suas ligações com Cohen e Natorp, “Cassirer nunca aceitou, por completo essa filiação [ao neokantismo], mormente porque a análise das formas culturais é irreduzível à natureza simbólica e aos métodos do conhecimento científico” (Braga, 2019, p. 25).

Kant e Cassirer obviamente, são homens de seus tempos. Assim, na base de suas obras o que iremos encontrar, é uma diferença quanto à concepção de ciência, fruto do momento histórico em que viveram. Mas, mais relevante que tal diferença, é a constatação de que, *a priori*, ela traduz uma distinta concepção sobre a problemática da objetivação. Daí a reserva de Cassirer em ser classificado como neokantiano.

Uma das grandes contribuições de Kant para a epistemologia foi a sua chamada “revolução copernicana” pois, por analogia, Kant revolucionou a filosofia do conhecimento ao posicionar a razão como o ponto de partida das reflexões sobre o conhecimento:



Kant autodenominou o que realizou um tipo de “revolução copernicana” no campo epistemológico. O problema sobre a origem do conhecimento era respondido até o século XVIII por duas principais teorias: a do racionalismo e a do empirismo. Os racionalistas, de um modo geral, priorizam a razão no processo do conhecimento e aceitam a existência de idéias inatas, independentes da experiência. Já os empiristas, de um modo geral, enfatizam o papel da experiência sensível para aquisição do conhecimento. O conhecimento depende e resulta da soma e associação das sensações exteriores na percepção, ou seja, o sujeito na aquisição do conhecimento tem uma relação passiva com o mundo. Porém, segundo Kant, as investigações sobre o conhecimento não devem partir dos objetos do conhecimento, mas sim da própria razão que produz o conhecimento. Assim como Copérnico colocou o Sol no centro do sistema, Kant coloca a razão no centro das investigações, para que primeiramente fosse examinado como se processa e se fundamenta o conhecimento e o que é possível conhecer (Fernandes & Porta, 2000, p. 1).

Para Kant, a razão é uma estrutura já existente no ser humano e independente das experiências; embora os seus conteúdos sejam dependentes destas, portanto, empíricos. Destarte, percebemos a realidade que se mostra para nós, a despeito de não termos acesso à coisa em si; em outras palavras, não acessamos os *númenos*, mas os fenômenos. Consequentemente, o conhecimento dos fenômenos é o que se caracteriza como conhecimento kantiano; sendo que este, enquanto universal, só é possível dentro da ciência, que na época se encontrava sob a hegemonia da mecânica newtoniana. Desta forma, a objetividade para Kant, está na perspectiva do estabelecimento de leis; e em função das relações causais entre os muitos fenômenos é que o estabelecimento de leis científicas se torna possível (Fernandes & Porta, 2000).

Ao final do século XIX e início do século XX, se desenrolam as grandes transformações e mudanças científicas, como a geometria euclidiana, o relativismo, a mecânica quântica e o eletromagnetismo (Porta, 2021). E é justamente na segunda metade do século XIX que, diante da impossibilidade de “dar interpretação mecânica às teorias de Maxwell”, a ciência se vê frente ao término de sua teoria dominante: a mecânica.

Com a superação do mecanicismo supera-se a condição de intuitividade das teorias científicas, ou seja, as teorias científicas não têm mais correspondência imediata com a realidade sensível. Por exemplo, conceitos como átomo, massa, força etc., não existem de fato na realidade, mas são construções conceituais que visam interpretar o real (Fernandes & Machado, 2006, p. 19).

O neokantismo vem acompanhando essas mudanças e, assim, reformulando a visão kantiana – embasada na física newtoniana – à luz dessas revoluções. Se antes delas se aventava a possibilidade do estabelecimento de uma ontologia na ciência (ou a partir dela, por ela estar muito próxima do mundo cotidiano), agora não mais; a ciência não pode mais fornecer um mundo imaginável, reduzido à mecânica. Há, assim, um afastamento do “mundo dos fatos”. A ciência se afasta cada vez mais do cotidiano, de poder ser intuída. Percebemos então, que a partir das mudanças acontecidas no seio da ciência, os *a priori* científicos de Kant e de Cassirer são distintos e, como citamos, suas concepções de objetividade, de mesma forma (Porta, 2021).

Diante dessas novas perspectivas científicas, Cassirer questiona a objetividade da ciência, “uma vez que dialogava (...) com seu presente, buscando compreender o seu momento histórico a partir da compreensão de suas condições de possibilidade” (Garcia, 2019, p.168). Diante deste cenário, é importante ressaltar que toda a reflexão de Cassirer ocorre durante o período em que se desenvolve o embate entre as ciências naturais e as ciências humanas, entre o positivismo e o humanismo. Período em que tanto Dilthey quanto Husserl questionam o uso de métodos positivistas nas ciências humanas, bem como a perda de protagonismo da filosofia. Cassirer aborda as mesmas questões (Feron, 2019):

Se a definição, a determinação de um objeto do conhecimento somente pode realizar-se por intermédio de uma estrutura conceitual lógica peculiar, faz-se necessário concluir que à diversidade desses meios deve corresponder uma diversidade de estrutura do objeto como no significado das relações objetivas (Cassirer, 2001, p. 16)

Portanto, na condição da realidade se apresentar segundo muitas nuances e não ser possível apreendê-la somente com a ciência (dita mecanicista) até aquele momento, há que se admitir outras formas de objetividade, pois esta ciência não tem mais condições de reproduzir e apreender a realidade de forma imediata (Cassirer, 2001). Da mesma forma, e o provaram as revoluções científicas da época, não é mais possível a identificação de objetividade com o conceito de substância, com um objeto empírico (Fernandes & Machado, 2006). Diante deste afastamento, Cassirer (2001) percebe que a totalidade das objetividades da ciência não são mais que meras mediações. São *representações da realidade*; são maneiras de expressar, a partir daquilo que foi experienciado sobre o real um determinado entendimento, uma determinada compreensão sobre a realidade e de certa forma, estabelecer a realidade, estabelecer uma outra realidade, portanto. E esta, de tal forma expressa, que se caracteriza como um simulacro da verdadeira, mas tomada assim, como sendo; por isso, representações, por isso, simbólicas: “Os conceitos fundamentais de toda e qualquer ciência, os meios pelos quais propõe as suas questões, e formula as suas soluções não mais se apresentam como reproduções de um dado ser, e sim como



símbolos intelectuais por ela mesma criados” (Cassirer, 2001, p. 14).

Cassirer antagoniza o entendimento de simbólico ao entendimento de real e intuitivo. Pois ao dizer que os conceitos científicos são símbolos, está afirmando que tais conceitos não aludem a objetos que podem ser considerados existentes, objetos que não possuem realização imediata. Desta forma, tanto a ciência quanto o cotidiano, são pontos de vista a respeito dos mesmos fenômenos. Assim, a ciência passa a ser somente mais um ponto de vista sobre a realidade e não a verdade sobre o chamado “mundo real” à frente da realidade. A ciência, não é, portanto, o conhecimento último sobre a realidade, ela não trata do real em sua última essência (Porta, 2021).

Assim, Cassirer percebe que além da ciência, existem outras formas de objetivação, que auxiliam o homem em sua relação com a realidade, não só naquilo que tange ao viver cotidiano, mas também, e de forma mais ampla, lhe possibilitando estabelecer as condições de sua própria existência, as muitas formas de ser e estar no mundo e com ele interagir.

“Na sua concepção e interpretação idealistas, o ser da matemática e das ciências naturais não esgota toda a realidade, uma vez que ele está longe de abarcar toda a atividade e espontaneidade do espírito humano” (Cassirer, 2001, p. 20). Nesta direção, o conhecimento, “(...) por mais universal e extenso que seja o seu conceito, representa apenas um tipo particular de configuração na totalidade das apreensões e interpretações espirituais do ser” (Cassirer, 2001, p. 18). Em outras palavras, ser humano não se limita a uma única forma de abordar a realidade (Cassirer, 2012); e, “(...) ao lado desta forma de síntese intelectual, que se representa (...) no sistema dos conceitos científicos, existem outros modos de configuração dentro da totalidade da vida espiritual” (Cassirer, 2001, p. 19).

O filósofo reconhece assim, a existência de outros tipos de configuração com respeito à concepção e interpretação da realidade. Cassirer admite que estas outras formas de objetivação, juntamente como a ciência, se encontram em um mesmo nível de atuação, logo, destronando a ciência de sua pretensão à *episteme* universal. Cassirer deixa claro que o espírito humano, em função das suas muitas atividades espontâneas, produz estas outras formas de abordagem da realidade. Pois tais formas não “(...) se limitam a expressar passivamente a presença de um fenômeno, pois possui uma energia autônoma do espírito, graças à qual a presença pura e simples do fenômeno adquire um determinado ‘significado’, um conteúdo ideal peculiar” (Cassirer, 2001, p. 19).

Há, portanto, nesse conjunto de formas de acesso à realidade, uma autonomia, um agir sem que conscientemente o homem decida fazê-lo. São interpretações, configurações do real, que se estabelecem então, de forma espontânea e autônoma. Cassirer usa para expressar essa condição, a expressão: “energia autônoma”, dando uma ideia clara de ação e de agir do espírito, uma ideia de movimento; transparecendo ser um trabalho inerente ao espírito humano, demonstrativo de seu vigor e firmeza.

Por outro lado, uma vez que estas formas, assim como a ciência, estão todas em um mesmo nível de atuação, são todas igualmente válidas quanto à configuração que estabelecem sobre o real. Configurações várias que são resultado da espontaneidade das atividades do espírito; transparecendo que lhe são naturais e, portanto, inatas ao homem. Desta maneira, desde sempre, o homem vem interagindo com a realidade e com o meio no qual nasce e vive, estabelecendo configurações mediadas com ambos, de modo natural e espontâneo. Cassirer (2001) vê assim, que as muitas formas de agir e de produção do homem são formas de objetivação da realidade, abrindo inevitavelmente o caminho para uma visão cultural.

Além de interpretar as outras formas de configuração como uma condição humana involuntária, autônoma, Cassirer lança uma visão sobre como o estabelecimento da mediação acontece. Um processo que irá explorar ao longo de sua obra *Filosofia das Formas Simbólicas*. Cassirer (2001) cita que as atividades do espírito diante das experiências do sujeito, não ficam passivas, mas só por estarem na presença do fenômeno se põem em ação. Isto faz com que as muitas formas de objetivação, cada uma na sua especificidade, atribua ao fenômeno um conteúdo específico peculiar, que é inerente da sua condição particular e singular, enquanto forma de acesso ao mundo. Um conteúdo que é significado. O que, por sua vez, passa a mediar a objetivação da realidade, enquanto estabelecimento de uma outra realidade que passa ser a verdadeira para o homem; uma atribuição de significado que é simbólica, em suma.

Essa condição, que Cassirer (2011) irá chamar posteriormente de “Pregnância Simbólica”, lhe permite assim, dizer que o homem é um animal simbólico. Tal função simbólica “é um princípio de aplicabilidade universal” (Cassirer, 2012, p.62), ou seja, abarca todos os indivíduos em todas as suas experiências.

Isto é válido [a determinação de significado à um fenômeno] tanto para a arte como para o conhecimento, para o mito tanto quanto para a religião. Todas estas manifestações do espírito vivem em mundos peculiares de imagens, (...), nos quais os dados empíricos não são simplesmente refletidos, e sim criados de acordo com princípios autônomos. E é por esse motivo que cada uma destas manifestações produz as suas próprias configurações simbólicas (...) (Cassirer, 2001, p. 19).

Cassirer entende, portanto, que ao lado da ciência, agindo simbolicamente na formatação do mundo, estão os vários tipos de linguagem (a poética, a linguagem emocional e a linguagem imagética, entre outras), as imagens conceituais, o mito, a religião e a linguagem verbal enquanto sistema de signos. Todas estabelecendo



as suas mediações peculiares, estabelecendo seus próprios significados quanto aos fenômenos que percebem. E que se não produzem símbolos iguais aos intelectuais, se equivalem ao menos, quanto à sua proveniência espiritual.

De forma mais ampla, ao tratar do símbolo e de outras formas de apreensão da realidade, Cassirer está tratando também, da identidade do homem (Garcia, 2019). Assim, partindo da linguagem para demonstrar o símbolo como elemento humano característico (Urbano & Gentil, 2015), percebemos que Cassirer (2001, 2012) identifica no símbolo o elemento para estabelecer esta identidade, para conduzir seu entendimento sobre o homem e sobre o relacionamento do homem com a realidade. E o que levou Cassirer para essa linha de reflexão, foi a sua preocupação de que o estudo filosófico das formas de objetivação não caísse num historicismo ou na abordagem das peculiaridades de cada uma das formas, mas que se pudesse ter apoio de um recurso que possibilitasse identificar o universal em cada uma delas, as suas leis de funcionamento. Cassirer identifica essa possibilidade no símbolo; um elemento, sobre o qual o homem edifica o seu próprio mundo.

Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo o progresso humano em pensamento é refinado por essa rede, e a fortalece. O homem não pode mais confrontar-se com a realidade imediatamente; não pode vê-la, por assim dizer, frente a frente. A realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem (Cassirer, 2012, p.48).

O símbolo é um componente “do mundo humano do significado (...) símbolos são designadores” (Cassirer, 2012, p.58) tendo somente valor funcional. O “símbolo não tem existência real (...) tem um “sentido” (Cassirer, 2012, p.97). Um símbolo além de ter a característica de ser universal, é também variável, permitindo expressar a partir dele, em uma mesma cultura, muitos sentidos, ou em culturas distintas, o mesmo significado. Assim, o símbolo é caracterizado por sua versatilidade e não por sua uniformidade. Já os sinais ou signos, são parte do mundo concreto, físico. São elementos operadores, tendo um ser físico substancial, estando relacionados àquilo ao que se referem de maneira fixa e singular. Ambos os conceitos são importantes para o entendimento das Formas Simbólicas.

De qualquer forma, o símbolo é o que permite a construção dessa tecitura de relações explicitada por Cassirer, e como comenta Ferreira (2019): “(...) são estas dimensões da razão, da emoção e da imaginação, mas também as da memória, da vontade ou da ação, que, cruzando-se e entrelaçando-se de diversos modos, vão dar origem às diversas produções do homem, inscritas nos múltiplos âmbitos da cultura” (p. 111).

Temos assim, na vida, o império das coisas imediatas, da intuição pura, mas é no espírito que encontramos o afastamento desse império, pois ele se caracteriza numa formatação (Garcia, 2019), uma formatação efetivada pelas diferentes formas simbólicas. E esse processo de afastamento, mediado pelas formas, é aquilo que consiste a cultura: “Com efeito, o conteúdo do conceito de cultura é inseparável das formas e orientações fundamentais da atividade espiritual: aqui o ‘ser’ somente pode ser apreendido no ‘fazer’, ou seja, na ‘ação’” (Cassirer, 2001, p. 22).

Assim, Cassirer, que havia se proposto a ampliar a crítica kantiana, transforma a “crítica da razão” em “crítica da cultura”: “A crítica da razão (...) procura compreender e provar como todo conteúdo cultural, na medida em que seja algo mais que simples conteúdo isolado, e conquanto esteja baseado em um princípio formal universal, pressupõe um ato primordial do espírito” (Cassirer, 2001, p.22).

Esses atos do espírito estabelecem as suas constituições de realidade, os seus próprios mundos simbólicos; e, para Cassirer, esses pontos de vista, estes mundos, são ordenados através da linguagem, que por sua vez, estrutura o cotidiano em coisas e propriedades e não mais através de leis. Esta nova concepção de relacionamento com o mundo se funda em uma relação simbólica, onde a relação do ser humano com o mundo se dá via mediação, como vimos. Esta condição exige que “a epistemologia transcendental kantiana vire”, de fato, “uma Filosofia das Formas simbólicas” (Porta, 2021), porque a questão da objetividade não pode restringir-se à legitimação do conhecimento simbólico a partir de um conhecimento puramente intuitivo ou não simbólico. Sendo assim, uma vez que não há acesso direto à realidade em si, mas somente uma relação mediada, há que se justificar o modo de proceder da ciência estudando comparativamente as diferentes formas de relação simbólica com o mundo. Por isso que “a epistemologia da ciência aparece agora como uma Filosofia das Formas Simbólicas” (Porta, 2021).

Só é possível entender a forma peculiar da ciência simbolizar o mundo, se se consegue entender a diferença que há entre essa forma de simbolizar o mundo e a forma de simbolização de mundo da linguagem, da religião, da arte... Uma comparação entre index simbólicos, entre as formas de expressão cultural (Porta, 2021, 1:01:29).



## A Filosofia das Formas Simbólicas

Todas as manifestações do espírito abordadas por Cassirer e nominadas de “produtos da cultura espiritual” (Cassirer, 2001, p.23), a saber: a linguagem, o mito, a religião, a arte e o conhecimento, e posteriormente a história, são chamadas por ele de *Formas Simbólicas* (Cassirer, 2001).

Pensando a filosofia como a reflexão a respeito do conhecimento (Porta, 2021) e sendo as Formas Simbólicas canais de acesso, apreensão e formatação da realidade, ao tratar da Filosofia das Formas Simbólicas, Cassirer (2001, 2004, 2011, 2012) está tratando da reflexão sobre como o homem gera conhecimento, ou seja, como o homem objetiva a realidade, através destas Formas. Para ele, essa filosofia deve indagar sobre a forma da cultura, e não sobre o seu conteúdo. Cassirer (1975) deseja que a Filosofia das Formas Simbólicas seja uma “fenomenologia do conhecimento”; e conhecimento, para Cassirer, não é somente a ação de compreensão científica, mas também qualquer atividade espiritual através da qual o homem cria seu mundo.

Quando falo de uma “fenomenologia do conhecimento”, não me refiro ao sentido moderno de “fenomenologia”, mas resgato aquele seu sentido básico, na forma como Hegel estabeleceu e assim como ele o fundamentou e justificou de maneira sistemática. Para Hegel, a fenomenologia se torna um pressuposto básico do conhecimento filosófico, porque ele exige que esse conhecimento abranja a totalidade das formas intelectuais (...) (Cassirer, 2011, p. 3).

Mas embora Cassirer tenha se apoiado na fenomenologia hegeliana, não a toma por completo, criticando a supressão da autonomia das Formas Simbólicas e divergindo de Hegel quanto ao seu absoluto, o que lhe possibilitou estabelecer uma dialética mais ampla para a dinâmica das Formas além de redirecionar a metafísica hegeliana à um sentido epistemológico (Gil Filho, 2020; Vandenberghe, 2018).

Explorando mais essa expressão cassireriana – “Formas Simbólicas” – podemos perceber as características desta fenomenologia. Assim, as “Formas” são formas, no sentido de meio, no sentido de movimento. No sentido estético, são um sentido que diferencia, que se manifesta não só no seu modo de captação e plasmação de mundo, mas também na lógica e acepção do ponto de vista de cada uma, sobre o mesmo fenômeno. E por fim, as Formas são simbólicas, por conta de sua ação de atribuir um conteúdo de significado, portanto atribuição simbólica, ao fenômeno presenciado.

Para Cassirer, nem tudo é passível de ser denominada como Forma Simbólica. A condição para esta classificação é que haja uma atribuição de sentido que seja universal e que a partir daí ocorra a constituição de um mundo (Amaral, 2021). Assim, Cassirer trabalhou inicialmente com o mito, a religião, a arte e o conhecimento dentro desta especificação, e depois com a história; deixando em seus escritos, algumas referências a outras possibilidades que, na sua visão, poderiam ser chamadas de “Formas Simbólicas”, mas sem conclusão devido ao seu falecimento.

Cassirer apresenta o conceito de Formas Simbólicas em seu texto *Essência e Efeito do conceito de Símbolo* (Cassirer, 1975, p.163):

(...) por “forma simbólica” há de entenderse aqui toda energia del espíritu en cuya virtud un contenido espiritual de significado es vinculado a um signo sensible concreto y le es atribuido interiormente. En este sentido, el lenguaje, el mundo mítico-religioso y el arte se nos presentan como otras tantas formas simbólicas peculiares. Porque se manifiesta em todas ellas el fenómeno fundamental de que nuestra conciencia no se contenta com recibir la impresión del exterior, sino que enlaza y penetra toda impresión com una actividad libre de la expresión. Em efecto, enfréntase a aquello que llamamos la realidad objetiva de las cosa, y se mantiene contra ella em plenitud independiente y com fuerza original, um mundo de signos e imágenes de creación propia.

Assim, Cassirer dá às Formas Simbólicas uma constituição fundamentalmente funcional, ligada ao movimento da energia do espírito, do interior do homem, nas suas mais variadas dimensões, seja intelectual, emocional, espiritual, mítica, representativa, significativa ou expressiva. Um movimento que se caracteriza nesta ação funcional, de vincular um conteúdo de significado a um signo concreto; estabelecendo assim, para o homem, um alfabeto simbólico, que media a sua relação com a realidade.

As Formas Simbólicas, nesse sentido, agem como um sistema, em conjunto. Acessam juntas os fenômenos e simultaneamente agem nesta função vinculatória de significado à signos, cada uma na sua peculiaridade.

(...) surge uma nova exigência, segundo a qual as diversas orientações metodológicas do saber, em que pesem as suas reconhecidas especificidades e sua independência, devem ser reunidas em um *sistema*, cujas partes, precisamente na sua diversidade necessária, se condicionem e interpelem umas às outras (Cassirer, 2001, p. 17).

Estando as Formas agindo em conjunto mediante sua característica funcional, o que se estabelece é uma unidade funcional do homem. Mas uma unidade que não é homogênea, e sim, multifacetada e dialética (Cassirer, 2012), uma vez que as Formas Simbólicas, embora funcionem como sistema, mantêm cada uma sua



identidade de função, fazendo assim, uma objetivação particular e própria da realidade. Uma atuação, que por conta de tais predicados, possibilita inclusive o estabelecimento de conteúdos de significados antagônicos e não coerentes entre si.

Assim, as Formas Simbólicas vão tecendo essa trama apontada por Cassirer (2001) que plasma uma nova realidade, construindo esse emaranhado da existência e de relações entrecruzadas da humanidade; funções que estabelecem esse mundo simbólico onde efetivamente o ser humano vive, um mundo de signos e imagens próprio do humano. Essa tessitura da vida, formada pela Formas Simbólicas caracteriza-se por uma totalidade, uma totalidade que não é metafísica, mas de estrutura de conhecimento, conhecimento amplo, no sentido de Cassirer; uma totalidade de formas, enquanto estética e de sentidos (Gil Filho, 2021).

Cassirer (2012) postula que é através desta rede que a experiência e o progresso humanos se dão e evoluem, em um movimento que vai fortalecendo assim a própria rede, através de um processo circular de aplicação e crescimento. Um processo que é sustentado em função do sistema simbólico, dado que é esta rede, formada a partir dele, e tão somente através dela, que é conferido ao homem o acesso à realidade; seja no campo teórico ou no campo prático. Para Cassirer (2012) esta relação com o mundo, influenciado pelo sistema simbólico, se dá no íntimo do sujeito, consigo mesmo, e não com o exterior, pois este mundo, a realidade, enquanto produto do relacionamento entre o sujeito e os fenômenos, mediado por esta rede simbólica, está criada no homem. Daí que, como o homem possui uma vida cultural, constituída pelas Formas Simbólicas, Cassirer (2012) o considera um animal simbólico. Há ainda, um ponto ressaltado por Cassirer que nos parece importante:

Ao lado da função cognoscitiva, é necessário compreender a função do pensamento linguístico, do pensamento mítico-religioso, e da intuição artística, de tal modo que se torne claro como em todas elas se realiza não exatamente uma configuração *do* mundo, mas uma configuração voltada *para* o mundo, visando a um nexos objetivo e a uma totalidade objetiva da percepção (Cassirer, 2001, p. 22).

Assim, se as Formas estabelecessem uma configuração do mundo *stricto sensu*, teríamos a leitura direta da realidade enquanto *númenos*. Já em uma proposta de estabelecimento de configurações voltadas para o mundo, admite-se necessariamente a existência de representações, ou seja, uma leitura indireta ou representativa da realidade; para Cassirer, uma mediação simbólica, portanto. Vistas estas condições de funcionamento sistemático das Formas, mas uma vez que cada uma delas estabelece a sua própria mediação simbólica com o real, nos parece oportuno tratar de alguns traços mais salientes de cada uma delas.

O *mito* tem a característica de manter-se e necessitar do “aqui e do agora”. Há um vínculo com a situação imediatamente dada, um vínculo imediato com o fenômeno presente. Nele, tanto o espaço quanto o tempo são fragmentados; uma vez que tanto objetos, quanto a vida ou o meio, são marcados por forças benignas ou malignas. Posição e conteúdo estão ligados; cada posição é singular e traduz uma sensação; há portanto, tanto no tempo quanto no espaço, uma atribuição de valor; e assim, conseqüentemente, a possibilidade de alguns fragmentos serem chamados de sagrados e outros de profanos (Cassirer, 2012).

No mito, o homem se encontra na expressividade pura, imerso em uma realidade dramática, de emoções constantes e de pura experiência instantânea, momentânea. Se fossemos expressar de outra forma, a partir da funcionalidade da Forma Simbólica “mito”, podemos dizer que a consciência, ao configurar a realidade através desta energia do espírito, faz com que o conteúdo de significado coincida com o signo que a identifica (Cassirer, 2001), ou seja, signo e símbolo são a mesma coisa, coincidem, se justapõem. Ocorrendo aqui uma significação expressiva. Nas palavras de Cassirer: “(...) tudo o que é unicamente significação e signo; (...) porque nele (...) o momento-coisa e o momento-significação, se dissolvem sem distinção, porque aqui eles cresceram juntos, “concretaram” em uma unidade imediata” (Cassirer, 2012, p.53).

Como exemplo, podemos dizer que o nome de um deus não é algo que o representa, mas é o próprio deus. Isso faz com que a relação do homem com o meio, com o seu mundo, seja *simpatética*, onde o homem não ocupa lugar de destaque nem na natureza nem na sociedade, havendo além de uma igualdade, uma simbiose. Elementos que conduzem o indivíduo para uma vivência mágica do mundo, pois os fenômenos experienciados têm em si mesmos o próprio sentido; experiências estas, onde sempre se encontra um ato de crença, uma crença na realidade, no fenômeno (Cassirer, 2012).

Embora tenhamos a tendência de naturalizar o mito, lhe conferindo um lugar na antiguidade da humanidade ou o associando com culturas ditas primitivas, erroneamente, Cassirer (2012) alerta para a realidade de que todo fenômeno, natural ou da experiência humana, é suscetível de ser examinado miticamente. Demonstra, assim, que essa Forma Simbólica habita a consciência do homem e o ajuda a configurar o seu mundo. E, dentro deste espectro, o homem não expressará simbolicamente seus sentimentos e emoções, mas o fará imediata e concretamente.

Ainda nesse cenário expressivo puro, onde símbolo e signo estão justapostos, encontramos, com as mesmas características do mito, a *arte*. Ela nos revela o mundo em sua imediatez através de seu conteúdo. Num movimento tal, que há, “em sua existência e em seu modo de ser, algo de sua vida interior que é refletido para fora” (Cassirer, 2011, p. 767). Acrescente-se que, tanto a arte, como o mito, permanece constantemente arraigada às vivências expressivas primárias. Embora, mesmo com este enraizamento, a arte se apresenta como



uma descoberta da realidade e não como sua imitação, possibilitando nesse processo:

(...) classificar nossas percepções sensoriais e agrupá-las em noções e regras gerais para podermos dar-lhes sentido. Tal classificação resulta de um esforço persistente no sentido da simplificação. A obra de arte (...) implica esse ato de condensação e concentração (Cassirer, 2012, p. 234).

Esse processo se desenvolve por conta de que a experiência estética própria da arte contempla, em contraste com a experiência sensorial comum, uma maior, mais rica e mais complexa variedade de percepções. Pois se desenvolve nas esferas do domínio das formas musicais, plásticas e poéticas, que por sua vez conduzem a uma leitura da realidade via suas formas sensuais, criando assim, um mundo essencialmente sensual em seus delineamentos. Um mundo que se exterioriza e corporifica em feições sensuais, em padrões de cores e ritmos, bem como através da plasticidade das formas, caracterizando um simbolismo imanente que nos possibilita uma certa ordem, como vimos, na assimilação das aparências tangíveis, audíveis e visíveis, onde a imaginação e a paixão ganham espaço (Cassirer, 2012).

A religião surge como uma irmã do mito, uma vez que este é aquela em potencial (Cassirer, 2012). O que se percebe é uma modificação quanto a valor e significado, pois de certa forma, o homem passa a perceber que a magia não dá conta de todas as situações, necessitando de outras formas de resolver suas demandas. Ocorre paulatinamente uma passagem de mitos naturais para mitos culturais (Cassirer, 2004); a divisão do trabalho permite a criação de deuses funcionais e posteriormente o estabelecimento de deuses pessoais (Cassirer, 2004, 2012). Com isso, há um afastamento da relação simpática emocional com o mundo para uma relação simpática racional, de deveres e obrigações, fazendo esta relação passar a ter ideais éticos, nesse momento: “O Divino não é mais (...) abordado por poderes mágicos, mas pelo poder da virtude” (Cassirer, 2012, p.166). Assim homem e natureza se distanciam, passando a ter sentido, tanto questões cosmológicas, quanto antropológicas, ou seja, a origem do mundo e a origem da sociedade.

Por outro lado, agora o homem não está mais à mercê dos caprichos da natureza, conseqüentemente, passa a se livrar da compulsão e da ditadura das forças mágicas, estabelecendo-se assim, um espaço de liberdade. O homem, portanto, deixa de ser escravo da natureza e de suas forças ocultas, para ser parceiro do divino (Cassirer, 2012). Outra consequência é que o ser da natureza começa a receber seu estatuto próprio, uma configuração fixa (Cassirer, 2004), apontando para o início da separação entre símbolo e signo e o aparecimento de representações. Da fluidez do mito, há a fixação do nome do deus, estabelecendo uma personalidade, apartada e protegida das necessidades fenomênicas míticas, e que caminhará para a possibilidade do estabelecimento de significados igualmente livres do real, pois “quanto mais amplo o círculo de representações singulares que o conceito abrange, tanto mais (...) perderá em determinidade concreta (Cassirer, 2004, p. 347).

Desta forma, percebemos na religião aquelas características pensadas por Cassirer para que seja considerada Forma Simbólica. Mas por outro lado, nos parece que em confronto ao mito e à linguagem, mirando a relação significado-signo, ela apresenta um deslocamento daquele para esta, trazendo também elementos de ambos, tanto expressivos, quanto representativos.

Avançando com nossa inferência, nos debruçemos sobre a linguagem. Se no mito há sempre a necessidade da presença do fenômeno para que o significado seja trazido à consciência, uma vez que esse conteúdo não sofreu fixação, é na linguagem que o homem encontra a possibilidade de prescindir desta imediatez. Ela não necessita mais da presença do objeto. O que traduz que, ao fazer essa passagem, a linguagem superou a necessidade daquele espaço específico e do tempo eterno e do devir, próprios do mito. Encontramos nela a captação da distância temporal e espacial, uma apropriação que vem a se tornar o princípio de todo o pensamento conceitual geral (Cassirer, 2011). Pois a língua possibilitou que fenômenos separados no tempo e no espaço pudessem ser associados e até reconhecidos como semelhantes.

Na linguagem temos o estabelecimento de representações, quando a razão passa a agir, possibilitando uma visão subjetiva do mundo através das especificidades da língua, através dos significados contidos nas palavras, traduzindo uma diferenciação entre o sentido e o fenômeno. Temos assim, uma separação entre signo e significado; uma vez que o fenômeno é substituído pela palavra que o representa, possibilitando a função geral e universal de significação. Esta capacidade representacional, faz com que a linguagem se pronuncie sobre e em todas as demais Formas Simbólicas (Cassirer, 2001).

Chegamos assim à ciência, que na visão cassireriana é a maior das façanhas humanas, não havendo poder comparável ao conhecimento científico (Cassirer, 2012). Ela nos permitiu desvencilhar do espaço e do tempo. Uma superação que em certa medida foi produzida, exatamente pela possibilidade de transposição dos limites da representação intuitiva e da representatividade geral; indo além da intuição da língua. Das palavras, se passa aos caracteres da ciência pura, sobretudo os símbolos da lógica e da matemática, que tanto suporte dão ao pensamento científico (Cassirer, 2011).

O domínio da ciência é o domínio do significado, que aqui aparece independente dos signos. E mesmo os signos utilizados na ciência, apresentam efetivamente uma independência em relação ao mundo sensível, tornando-se ficções (Fernandes & Machado, 2006) e exprimindo seu caráter funcional, baseados na significação pura (Mergulhão, 2019).

Dadas as relações de significado e signo nas várias Formas Simbólicas, podemos avançar no entendi-



mento de sua ação simultânea e conjunta na captação da realidade e estabelecimento do mundo simbólico do homem. Cassirer (2011) apresenta a dinâmica de ação das Formas mítica, linguística e científica a partir dessas relações, em um movimento contínuo e dialético, devido as características complementares, mas também conflitantes das Formas, que chamamos de Trinômio Pregnante. Uma cinesia onde as Formas expressiva do mito, representativa da linguagem e significativa da ciência, estabelecem os respectivos conteúdos de significado, ou seja, relacionam símbolos e signos, na presença dos fenômenos. Assim, designado Trinômio por envolver estas três energias e chamado de Pregnante por demonstrar, como vimos anteriormente, uma ação da consciência que é autônoma, imediata e involuntária, quanto ao ato de *simbolificar*.

Desta forma, ao tomar contato com o fenômeno, há a sua captação e significação imediata através do Trinômio Pregnante, num movimento repetitivo de estabelecimento de sentido constante, uma vez que o ser humano constantemente está objetivando fenômenos. Este movimento, mais que um ciclo dialético, é melhor entendido como uma Espiral Pregnante. Expressando esse movimento constante e a sobreposição ininterrupta dos estabelecimentos simbólicos que alimentam uns aos outros, na dinâmica da formação das representações.

Em síntese, diante do mundo, o mito faz a sua captação na sua expressividade pura, sem separar fenômeno e realidade “pois todo o poder que um conteúdo exerce sobre a consciência mítica se funda e está contido justamente no modo como o fenômeno se manifesta” (Cassirer, 2011, p.119).

Não havendo nessa apreensão, nenhum sentido lógico, seja ele significativo ou representativo. Já por seu lado, são a linguagem e a ciência, em suas funções simbólicas representativa e significativa, respectivamente, que irão dar acesso à realidade objetiva, onde diferentemente da função simbólica mítica, as relações causais de forma e entre coisas, passam a ter lugar. E assim, “a tríade espiritual composta pela função da expressão pura, pela função representativa e pela função significativa torna possível para nós, em primeiro plano, intuir uma realidade articulada” (Cassirer, 2011, p. 173).

Essa apreensão da realidade e plasmação de um mundo simbólico através do Trinômio Pregnante, é extremamente dinâmica. Uma vez que, embora cada Forma - expressiva, representativa e significativa - capte a realidade mediante suas peculiaridades, mesmo assim ocorre entre elas um processo de entrega de conformação simbólica de uma à outra, numa continuidade de designação de conteúdo. Um encadeamento que inicia na passagem da esfera da expressão para a representação e desta para a significação. Permitindo que o sentido geral da realidade esteja em mudança frequente (Cassirer, 2011).

## Pregnância Simbólica

A visão de Cassirer a respeito do ser humano é que este é um animal simbólico. Sua consciência está em contato com o mundo, através das Formas Simbólicas e assim, constitui para si, um mundo simbólico, que para o homem, passa a ser a realidade por excelência, que em suma, é o mundo da cultura (Cassirer, 2001, 2011, 2012). Neste processo há, no entanto, uma condição *sine qua non*, uma característica humana, que na concepção cassireriana é a sua essência: a Pregnância Simbólica: “(...) os objetos não são ‘dados’ à consciência prontos e fixos, na nudez de seu ‘em-si’, mas que a referência da representação ao objeto pressupõe um ato espontâneo e autônomo da consciência” (Cassirer, 2004, p. 61).

Assim, a “pregnância simbólica” é o modo pelo qual se deve entender a experiência perceptiva, sensível, que contém em si um sentido não intuitivo (Cassirer, 2011). A Pregnância Simbólica, mais que uma atitude, é uma condição, é uma característica constituinte do sujeito; uma condição que possui como um dos seus traços mais específicos de comportamento, “uma determinação independente e autônoma” (Cassirer, 2011, p. 400). Ela é, por assim dizer, a mola propulsora de todo o processo de estabelecimento de conteúdos de significado e constituição de representações; enfim, de conformação simbólica.

A condição da Pregnância Simbólica é fundante no pensamento de Cassirer, percolando sua obra, sendo um dos grandes pilares sobre os quais a apoia. Neste contexto, ao abordar a ação das Formas Simbólicas, Cassirer cita que elas não aceitam o dado natural, “um dado material de impressões, que já possui em si um caráter fixo, uma dada qualidade e estrutura” (Cassirer, 2004, p. 169), simplesmente lhe atribuindo de fora, uma forma vinda da consciência, pois para o autor, essa operação “característica do espírito se inicia antes” (p. 169).

O aparentemente “dado”, em uma análise mais apurada, também se mostra já atravessado por determinados atos, sejam eles da “apercepção” linguística, mítica ou lógico-teórica. Ele “é” somente aquilo para que é feito nesses atos; já em seu estado aparentemente simples e imediato, ele se mostra condicionado e determinado por alguma função primária que lhe confere significação. E nessa formação primária, não na secundária, que repousa aquilo que constitui o verdadeiro segredo de toda forma simbólica (...) (Cassirer, 2004, p. 169).

Para Cassirer, já há uma significação prévia, primária, e que irá agir quando o indivíduo entrar em contato com o mundo, com os fenômenos, com uma ação da consciência, trazendo ao processo secundário de estabelecimento da “forma”, como ele coloca, esta condição apriorística. Na mesma direção, o autor comenta sobre o relacionamento do homem com o mundo dos fenômenos; uma relação sempre mediada por concepções prévias, ponderando sobre a influência das formas simbólicas e a ação da percepção, bem como da intuição, que ao invés de serem simplesmente receptivas, são atuantes em dar forma à experiência através de “leis específicas de formação” (Cassirer, 2011, p. 84).



Desta forma, para Cassirer: “O conteúdo, agora, não está simplesmente ‘na’ consciência (...)” (Cassirer, 2011, p. 324), mas está ali enquanto conteúdo de significado, numa consciência simbólica. Os fenômenos em Cassirer são manifestações simbólicas; por conta, por atuação e por uma profunda relação com a *Pregnância Simbólica*, pois em seu apresentar-se, serão *simbólico-pregnantemente* captados, na dinâmica expressiva-representativa-significativa do sistema simbólico do sujeito. Partindo daí, portanto, a base de toda a plasmação cultural humana.

## O Espaço em Cassirer

Ao longo do desenvolvimento da “Filosofia das Formas Simbólicas”, Cassirer (2001, 2004, 2011) procura apresentar cada uma delas em seu funcionamento, dialogando constantemente com muitas áreas do saber. Mas, no transcorrer dos textos, também se nota uma preocupação do autor em discutir igualmente o estabelecimento, a trajetória de aparecimento no ser humano, de cada uma delas. Assim, através de seu método coloquial, trazendo vozes das mais diversas áreas, Cassirer em certa medida empreende uma arqueologia do processo de constituição das Formas Simbólicas no homem.

Nesse sentido, é possível observar, que ora de forma mais marcada e estruturada, ora de forma mais dispersa e menos sistematizada, Cassirer (2001, 2004, 2011) segue uma mesma sequência de temas para elucidar essa arqueologia. Ele trata assim, de como ocorreu a formação de nossa noção de espaço, de tempo e de número e como os elementos e características de cada uma delas não só auxiliou no estabelecimento das Formas Simbólicas, como determinou seu funcionamento, além de passar a integrá-las, por consequência.

Diante desta arquitetura textual e de raciocínio, o ponto que nos interessa ressaltar é que Cassirer toma como fator originário das noções temporal e numérica, e posteriormente das Formas Simbólicas, a noção do *espaço*. O filósofo explicita esta origem, ao mesmo tempo em que enaltece a importância primaz do espaço na sistemática das Formas Simbólicas e na constituição de todo o complexo sistema humano de significação ao dizer que: “(...) não há, entretanto, nenhum âmbito da filosofia, ou melhor, do conhecimento teórico em geral, em que o problema do espaço de alguma forma não esteja inserido, e com o qual não esteja entrelaçado de um ou de outro modo (Cassirer, 2011, p. 243).

Assim, resumidamente, Cassirer (2001, 2004, 2011) demonstra como, da interação espacial na sua expressividade pura (mito e arte) e, a partir das condições de simultaneidade, justaposição e separação, estas originárias e sendo em suas características, essencialmente espaciais, desenvolveram-se as noções de espaço, de tempo e de número; possibilitando posteriormente a chegada na representatividade (linguagem) e finalmente na significação (ciência), consolidando assim, o sistema simbólico do homem (Cassirer, 2012).

Neste cenário de protagonismo espacial, onde os processos de conformação simbólica do homem se desenvolveram, Cassirer (2001), avança no entendimento das mudanças de concepção do próprio espaço, mais especificamente, da concepção simbólica do espaço em si. Pois, segundo ele, à medida em que o homem passou a representar, “tanto mais deverá a unidade puramente objetiva, substancial do espaço transformar-se em uma unidade dinâmico-funcional” (Cassirer, 2001, p. 233). Desta forma, o espaço que era constituído e relacionado a lugares e posições, mais que dinamismo e transformação, ganha conteúdos de significado, passando assim a ser representacional, “estruturado como um todo das direções da ação” (Cassirer, 2001, p. 233). O espaço passa a ser então, um espaço de ação. Estabelecendo, conforme aponta, uma nova relação:

(...) segundo a qual o seu conteúdo e sua *performance (Leistung)* não consiste na simples cópia de algo objetivamente existente, e sim na criação de uma nova relação específica entre o “eu” e a “realidade”, entre a esfera “subjetiva” e a “objetiva”. (...) o “caminho para o exterior” torna-se, ao mesmo tempo, o “caminho para o interior” (Cassirer, 2001, p. 233).

De certa forma, Cassirer demonstra aqui, a ação da *Pregnância Simbólica* na objetivação da realidade e consequentemente como essa dimensão espacial, passa a ser representacional, uma vez que adquire conteúdo simbólico. Tudo isto traduz uma relação do homem com o espaço, que possibilita o vínculo objetivo-subjetivo e, portanto, uma projeção simbólica do indivíduo ao exterior, do homem ao espaço, estabelecendo essa relação de espacialidades, ou seja, “uma “reprodução” (...) no espaço do que em si é não-espacial” (Cassirer, 2004, p. 155).

A concepção do espaço transcende as visões sensível e geométricas, talvez mais corriqueiras e naturais ao homem. O espaço passa a ser um universo simbólico, um universo de ação simbólica, se constituindo como um elemento de mediação e, portanto, funcional (Silva & Gil Filho, 2019), pois é nele que o homem significa as experiências, atribuindo a elas, através das Formas Simbólicas, conteúdos de significado, ou seja, estabelecendo construtos simbólicos. Esse movimento, como exploramos anteriormente, de feitura da tessitura simbólica da vida através da qual o homem interage com o mundo é que determina ser o espaço, um espaço de ação, palco do desenrolar e apresentação das espacialidades.

O que chamamos de “espaço” não é propriamente um objeto, representado para nós de forma mediata, um objeto que se nos dá a conhecer por meio de algum tipo de “símbolo”, mas é muito mais um modo próprio, um esquema especial da própria representação. (...) está relacionada à gênese da consciência do



espaço (...) uma mudança de sentido, experimentada pela própria consciência de espaço e em virtude da qual a totalidade de sentido contido e implícito nela é trazido à luz (Cassirer, 2011, p. 254).

E é nesse espaço, espaço de ação, através da dinâmica de movimentos, onde a ação encontra a intencionalidade (Silva, 2019), no qual ainda, o homem “por meio de suas ideias e ações, ancoradas em suas experiências, percepções e representações” (Torres, 2019, p. 316) forja espacialidades e se espacializa.

## Espacialidade

Uma vez estando os contornos desta concepção de espaço estabelecidos, nos é possível passar a olhar com mais detalhe para as dinâmicas que se desenvolvem em qualquer espaço, redefinindo-as a partir da visão do Espaço de Ação. Pois sendo sua característica, a condição dinâmico-funcional constituída pela relação com e do sujeito, via ação das Formas Simbólicas, tais movimentações se reconfiguram em não só como atos, não só como movimentos, não só como olhares e não só como inclusive, pensamentos. Mas como espacialidades, uma vez que as relações dinâmicas estabelecidas no Espaço de Ação, são simbólicas, mediando o estar e transitar do sujeito nessa tecitura de conteúdos de significados e signos, caracterizados na mediação estabelecida entre o sujeito e esta realidade simbólica.

Assim, a espacialidade é este conjunto de significados, da estruturação do espaço como consequência da significação, com a posterior ação e interação com este espaço a partir da significação e estruturação. Ou seja, uma maneira de interpretar e agir no espaço físico, tendo como referência imediata um espaço simbólico, via mediação das formas simbólicas (Orengo, 2021).

Portanto, entendemos como espacialidade, toda ação, todo comportamento, qualquer pensamento lançado, toda obra estabelecida ou fala proferida, frutos que são de significações feitas nas múltiplas relações do sujeito com o mundo, com o espaço percebido e devolvido a ele. Movimentos que como vimos, marcam o espaço, como um espaço de ação, onde estas entidades relacionais, espacialidades, se estabelecem e se apresentam; um espaço não mais somente geométrico e cartesiano, mas simbólico (Fernandes & Gil Filho, 2011; Gil Filho, 2012).

## Considerações Finais

Assim como Cassirer (2011) pontua, o espaço é uma parte especial das representações humanas e como tal é também uma construção simbólica. Deste entendimento, retiramos a visão, portanto, de uma nova concepção de espaço; um espaço considerado enquanto Espaço de Ação. Constituído agora não mais por dimensões, mas por conteúdos de significado que o marcam, por direções de ação que em si encerram significados a cada sujeito; dando ao indivíduo um tecido simbólico, de expressão cultural, por onde transita. Em uma dinâmica, que estabelece espacialidades, não só pela movimentação física, o que configura o senso comum das relações fenomênicas, mas por que toda articulação de juízo, como diz Cassirer (2004), pressupõe articulações espaciais, levando a tecitura do espaço para além do geométrico; ao imaterial, às dinâmicas do espírito.

Destarte, estas duas figuras, Espaço de Ação e Espacialidades, abrem novas perspectivas de estudo e entendimento em áreas variadas. Pelo lado da primeira, temos um grande cenário cultural não mais estático e inerte, mas agente, enquanto estímulo, na construção da rede simbólica onde nos deslocamos, ao mesmo tempo em que igualmente é articulado também nas muitas possibilidades pareadas de signos e conteúdos de significado. Já a outra figura, as Espacialidades, surgem como o resultado, não só deste, mas de vários outros estímulos que se apresentam e atingem o sujeito em seu ser e estar no Espaço de Ação, na medida em que se vai tomando contato com a diversidade fenomênica que é o próprio devir.

Acreditamos que essas dinâmicas e perspectivas de olhar sobre o Espaço a partir da Filosofia das Formas Simbólicas, abrem possibilidades de perquirições sobre o indivíduo particularmente e sobre toda a nossa produção cultural, enquanto produção de conhecimento e a própria plasmação deste mundo simbólico onde vivemos, intermediado pelas Formas Simbólicas. Talvez não como uma fronteira a ser cruzada, mas como um novo campo de perspectivas epistemológicas.

## Referências

Amaral, L.A.D. (2021). O “faktum” da cultura: raízes histórico-filosóficas do pensamento de Ernst Cassirer. *Estudos Cassirerianos*, Vídeo (1h e 55 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=f6wIOUTWc\\_A&list=PLRFNLQdcjODMw-HvJW3UBav4QdZgkTz1&index=11&ab\\_channel=EstudosCassirerianos](https://www.youtube.com/watch?v=f6wIOUTWc_A&list=PLRFNLQdcjODMw-HvJW3UBav4QdZgkTz1&index=11&ab_channel=EstudosCassirerianos). Acesso em: 14 dez. 2022.

Braga, J. (2019). Passos e espaços: apontamentos biográficos sobre Ernst Cassirer. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p 17-33). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.

Cassirer, E. (1975). *Esencia y efecto del concepto de simbolo*. México: Fondo de Cultura Económica.



- Cassirer, E. (2001). *A Filosofia das Formas Simbólicas – I – A Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cassirer, E. (2004). *A Filosofia das Formas Simbólicas – II – O Pensamento Mítico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cassirer, E. (2011). *A Filosofia das Formas Simbólicas – III – Fenomenologia do Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cassirer, E. (2012). *Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Fernandes, V. & Porta, M. A. G. (2000). *Ernst Cassirer: o mito político como técnica de poder no nazismo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PUC SP, São Paulo.
- Fernandes, V. & Machado, N. J. (2006). *Filosofia, ética e educação na perspectiva de Ernst Cassirer*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo/USP, Faculdade de Educação, São Paulo.
- Fernandes, V. & Gil Filho, S. F. (2011). Geografia em Cassirer: Perspectivas para a Geografia da Religião. *GeoTextos*, vol. 7, n. 2, p. 211-228.
- Feron, O. (2019). A hibridez simbólica do espaço: Cassirer e uma Geografia possível. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 6-9). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Ferreira, M. (2019). A matriz do humano a partir do pensamento de Ernst Cassirer. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 105-128). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Friedman, M. (2022). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2022/entries/cassirer/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- Garcia, R. (2019). Formas Simbólicas e Humanismo: Contextos, fortuna crítica e atualidade do projeto antropológico-filosófico de Ernst Cassirer. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 162-189). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Gil Filho, S. F. (2012). Geografia das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer. In: F. Barthe-Deloizy & A. Serpa (Orgs.). *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [on-line] (p. 47-66). Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmatann.
- Gil Filho, S. F. (2020). Reflexões sobre religião e mito na fenomenologia de Ernst Cassirer. *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea*, volume VIII, nº 1-2, p. 7-23.
- Gil Filho, S.F. (2021). 17ª WebConferência Debate Geográfico. Fenomenologia em Cassirer. *Estudos Cassirerianos*, Vídeo (2h e 44 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OGVn5ii4A-y0&list=PLRFNLQdcjODMw-HvJW3UBav4QdzgkTzg1&index=6&t=9191s&ab\\_channel=LEMCAE](https://www.youtube.com/watch?v=OGVn5ii4A-y0&list=PLRFNLQdcjODMw-HvJW3UBav4QdzgkTzg1&index=6&t=9191s&ab_channel=LEMCAE). Acesso em: 14 dez. 2022.
- Jensen, A. K. (2022). *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://iep.utm.edu/ernst-cassirer/>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- Mergulhão, A. R. (2019). O poder da imaginação: Cassirer e a ampliação da teoria do conhecimento rumo às ciências do espírito. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 216-245). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Mora, F. J. (2005). *Hermeneutica. Dicionário de Filosofia*. Tomo II. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Orengo, A.A.S. (2021). Fenomenologia e Religião: Aproximações e reflexões sobre este espaço através do espaço. *Revista Relegens Thréskeia*, 10(1), 01-14. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v10i1.81637>
- Porta, M.A.G. (2021). O lugar da “Filosofia das Formas simbólicas” na evolução do neokantismo. *Estudos Cassirerianos*, Vídeo (1h e 44 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3R5r-Llxli1k&list=PLRFNLQdcjODMw-HvJW3UBav4QdzgkTzg1&index=10&ab\\_channel=EstudosCassirerianos](https://www.youtube.com/watch?v=3R5r-Llxli1k&list=PLRFNLQdcjODMw-HvJW3UBav4QdzgkTzg1&index=10&ab_channel=EstudosCassirerianos). Acesso em: 14 dez. 2022.



- Silva, M.A.S. (2019). O fenômeno expressivo na filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945): aportes do mito e da linguagem para uma Geografia das Emoções. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 246-278). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Silva, M.A.S. & Gil Filho, S. F. (2019). Espacialidades de conformação simbólica. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 78-104). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Torres, M. A. (2019). As formas simbólicas e a paisagem. In: S. F. Gil Filho; M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.). *Ernst Cassirer: Geografia e Filosofia* (p. 308-334). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPR.
- Urbano, F. & Gentil, H.S. (2015). A Aventura de Helen Keller em Ernst Cassirer: rede simbólica e sentido da vida. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.
- Vandenberghe, F. (2018). Do estruturalismo ao culturalismo: a filosofia das formas simbólicas de Ernest Cassirer. *Sociedade e Estado*, 33(3), 653–674. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201833030001>
- Zen, B. D. (2011). Cassirer e o potencial simbólico do homem. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/cassirer-e-o-potencial-simbolico-do-homem/71791> Acesso em: 16 dez. 2022.

Submetido em 20.11.2022 – Aceito em 23.01.2023